

Hugo Emanuel Pereira Fardilha

**ENVOLVIMENTO PATERNO NAS ROTINAS DIÁRIAS DAS CRIANÇAS
DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA

Área de especialização:

Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança

2013

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

**ENVOLVIMENTO PATERNO NAS ROTINAS DIÁRIAS DAS CRIANÇAS
DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

Hugo Emanuel Pereira Fardilha

Porto, 2013

**Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto para a obtenção do Grau de Mestre em Temas de Psicologia,
sob orientação do Professor Doutor José Albino Rodrigues Lima.**

Resumo

As expectativas sociais do papel do pai na família mudaram consideravelmente nas últimas três décadas. Se até então o foco de estudo centrava-se nas contribuições da mãe para os cuidados prestados à criança, o passado recente é pautado por um novo olhar no papel do pai e na assunção de responsabilidades e cuidados paternais por parte deste.

Esta investigação tem como objetivo estudar o envolvimento paterno nas rotinas diárias das crianças em idade escolar (inscritas no 2º ciclo). Deste modo e prevendo que as interações estabelecidas pela criança durante a semana estão fortemente condicionadas pelos horários escolares e de atividades de enriquecimento curricular optou-se que a recolha de dados incidisse sobre um dia da semana e o fim-de-semana, mais concretamente o dia de domingo. Procura-se então nesta investigação estudar as formas de envolvimento paterno propostas no modelo tripartido de Lamb, Pleck, Charnov, e Levine (1987): Interação, Acessibilidade e Responsabilidade – assim como os tipos de interação paterna – Jogo, Funcional, Paralelo, Transição e Apoio Emocional e Estimulação procurando simultaneamente relacioná-los com o sexo da criança, a idade e escolaridade do pai.

A amostra é composta por 85 crianças em idade escolar, inscritas no 2º ciclo do ensino básico, que se disponibilizaram para o preenchimento de uma ficha de dados sociodemográficos, da Escala de Responsabilidade Parental (ERP) e do Guião de Entrevista – Interação e Acessibilidade (GUIA).

Os resultados indicam que os pais despendem mais tempo com as crianças em atividades funcionais e paralelas. Demonstram ainda que, quando analisamos o tempo despendido em função do dia a que se reporta o diário, este apresenta valores superiores ao fim-de-semana. Apesar destas primeiras indicações, não é identificado qualquer efeito principal quando analisamos o tempo de interação em função do sexo da criança, da idade do pai ou até mesmo da escolaridade do progenitor. Quando abordamos a assunção de responsabilidades parentais, verificou-se que esta não varia quando é analisada em função do sexo da criança, da idade do pai ou da sua escolaridade, sendo as dimensões “Cuidados e Interesse” e “Autoridade e Disciplina” aquelas que apresentam valores superiores.

Apesar dos resultados não indicarem efeitos de algumas das variáveis analisadas no envolvimento paterno, consideramos que as mesmas serão sempre passíveis de inclusão em futuras investigações e acreditamos que este trabalho foi mais um passo no longo caminho da compreensão do envolvimento paterno e das interações que estabelece com a criança.

Abstract

The expectations of the social role of the father in the family have changed considerably in the last three decades. Until then, the focus of the study focused on the contributions from the mother to the care of the child, the recent past is marked by a new look at the role of the father and the assumption of responsibilities and parenting by the latter.

This research aims to study the parental involvement in the daily routines of school-age children (enrolled in the 2nd cycle). And thereby predicting the interactions established by the child during the week are strongly constrained by school schedules and activities to enrich the curriculum decided that data collection focussing on a weekday and week-end, more specifically the day Sunday. Search this research is then to study the forms of parental involvement in tripartite model proposed by Lamb, Pleck, Charnov, and Levine (1987): Interaction, Accessibility and Responsibility - as well as the types of interaction paternal - Game Functional Parallel Transition Stimulation and Emotional Support and while trying to relate them with the child's gender, age and father's education.

The sample consists of 85 school children, enrolled in the 2nd cycle of basic education, which were available for the completion of a form of socio-demographic data, Scale of Parental Responsibility (ERP) and Interview Script - Interaction and Accessibility (GUIDE).

The results indicate that parents spend more time with children in functional and parallel activities. Demonstrate that, when we analyze the time spent in the light of the day that reports daily, this presents values higher than the end-of-week. Despite these early indications, is not identified any major effect when we analyze the interaction time depending on the sex of the child, the father's age or even the school's parent. When discussing the assumption of parental responsibilities, it was found that this does not vary when analyzed by sex of child, age of the father or his schooling, and the dimensions "Care and Interest" and "Authority and Discipline" those have higher values.

Although the results do not indicate effects of some variables on parental involvement, consider that they are always liable to be included in future investigations and we believe that this work was another step in the long road of understanding of parental involvement and interactions with establishing the child.

Résumé

Les attentes concernant le rôle social du père dans la famille a considérablement évolué au cours des trois dernières décennies. Jusque-là, l'objet de l'étude a porté sur les contributions de la mère à la garde de l'enfant, le passé récent est marqué par un nouveau regard sur le rôle du père et de la prise en charge des responsabilités parentales et par ce dernier.

Cette recherche vise à étudier l'implication des parents dans la vie quotidienne des enfants d'âge scolaire (inscrits au 2e cycle). Et prévoir ainsi les interactions établies par l'enfant au cours de la semaine sont fortement contraints par les horaires et les activités scolaires pour enrichir le programme a décidé que la collecte de données axée sur un jour de semaine et week-end, plus précisément le jour dimanche. Rechercher dans cette recherche est donc d'étudier les formes de participation des parents dans le modèle tripartite proposé par Lamb, Pleck, Charnov, et Levine (1987): Interaction, l'accessibilité et la responsabilité - ainsi que les types d'interaction paternelle - Jeu transition parallèle fonctionnel la stimulation et le soutien affectif et en essayant de les relier avec le sexe de l'enfant, l'âge et l'éducation du père.

L'échantillon se compose de quatre-vingt et un enfants de l'école, inscrits au 2e cycle de l'enseignement de base, qui étaient disponibles pour la réalisation d'une forme de données socio-démographiques, l'échelle de responsabilité parentale (ERP) et Script Interview - Interaction et Accessibilité (GUIDE).

Les résultats indiquent que les parents passent plus de temps avec les enfants dans des activités fonctionnelles et parallèles. Démontrer que, lorsque nous analysons le temps passé à la lumière du jour qui rend tous les jours, ce qui présente des valeurs supérieures à la fin de la semaine. Malgré ces premières indications, n'est pas identifié aucun effet majeur lorsque nous analysons le temps d'interaction en fonction du sexe de l'enfant, l'âge du père ou même le parent de l'école. Lors de l'examen de l'hypothèse de la responsabilité parentale, il a été constaté que ce ne varie pas quand on l'analyse par sexe de l'enfant, l'âge du père ou de sa scolarité, et le «Entretien et intérêts» dimensions et «autorité et de discipline" ceux ont des valeurs plus élevées.

Bien que les résultats n'indiquent pas d'effets de certaines variables sur la participation des parents, estiment qu'ils sont toujours susceptibles d'être inclus dans des enquêtes futures et nous croyons que ce travail a été une autre étape dans le long chemin de la compréhension de la participation parentale et les interactions avec l'établissement l'enfant.

Agradecimentos

Seguramente este espaço não me permite agradecer como devia, a todas as pessoas que, ao longo do meu percurso como mestrando me ajudaram a cumprir os meus objetivos e a realizar mais esta etapa da minha formação académica. Deste modo, vou procurar em algumas palavras, mas com um enorme sentido de agradecimento.

Em primeiro lugar à Cristina, por se encontrar sempre a meu lado e por ser o meu grande pilar nos momentos de menor motivação, pela força e ânimo quando a descrença se fez notar.

À Leonor e Margarida que com toda a sua “paciência” sempre desculparam a minha ausência das suas brincadeiras e por todos os outros momentos de descontração em que permitiram recuperar o equilíbrio e retemperar forças para continuar.

Ao Professor Doutor José Albino Lima, pelo modo como me orientou, por todo o apoio, confiança e dedicação que sempre me dispensou ao longo de todo este projeto.

Aos pais e mães pela confiança que, desconhecendo o autor, depositaram neste trabalho, assim como a todas as crianças participantes pela disponibilidade com que enfrentaram este desafio.

Ao agrupamento de escolas, em especial ao Dr. Luís Gonzaga pela sua abertura e colaboração no processo de recolha de dados.

À Rosário, à Susana Castro e Susana Ferreira pela disponibilidade e compreensão que sempre manifestaram quando era necessário alterar horários e rotinas de trabalho em função deste projeto.

A todos os meus amigos que, apesar de não referir pelo nome pois correria o risco de omitir alguns, ao longo dos tempos sempre me incentivaram e motivaram para que este projeto se tornasse uma realidade.

Introdução

CAPÍTULO I. Enquadramento concetual

| | |
|---|----|
| 1. O desenvolvimento em contexto | 15 |
| 2. Parentalidade, Paternidade... Sinais do tempo | 18 |
| 3. Envolvimento Paterno: um constructo em desenvolvimento | 20 |
| 4. Fatores que influenciam o envolvimento paterno | 23 |
| 5. Fatores de envolvimento paterno: as variáveis em estudo | 24 |
| 5.1. Envolvimento paterno e sexo da criança | 24 |
| 5.2. Envolvimento paterno e o dia a que se reporta o diário | 24 |
| 5.3. Envolvimento paterno e a idade e a escolaridade do pai | 25 |
| 6. Contributos para o estudo | 26 |

CAPÍTULO II. Método

| | |
|--|----|
| 1. Participantes | 29 |
| 2. Instrumentos | 29 |
| 2.1. GUIA - Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade | 29 |
| 2.2. ERP – Escala de Responsabilidade Paterna | 29 |
| 2.3. Ficha de dados sociodemográficos | 30 |
| 3. Procedimento | 30 |

CAPÍTULO III. Resultados

| | |
|--|----|
| 1. Interação Paterna | 33 |
| 1.1. Tempo total de interação paterna | 33 |
| 1.2. Tempo total de interação em função do período da semana | 33 |
| 1.3. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação | 33 |
| 1.4. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função do período da semana | 34 |
| 1.5. Tempo total de interação em função do sexo da criança | 36 |
| 1.6. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função do sexo da criança | 36 |
| 1.7. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação, à semana e ao fim de semana, em função do sexo da criança | 37 |

| | |
|---|----|
| 1.8. Tempo total de interação em função da idade do pai | 38 |
| 1.9. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função da idade do pai | 38 |
| 1.10. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação a semana e ao fim de semana, em função da idade do pai | 39 |
| 1.11. Tempo total de interação paterna em função da escolaridade | 39 |
| 1.12. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função da escolaridade do pai | 40 |
| 1.13. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação, à semana e ao fim de semana, em função da escolaridade do pai | 40 |
| 2. Responsabilidade paterna | 41 |
| 2.1. Responsabilidade paterna total | 41 |
| 2.2. Responsabilidade paterna em cada uma das dimensões | 41 |
| 2.3. Responsabilidade paterna global em função do sexo da criança | 43 |
| 2.4. Responsabilidade paterna em função do sexo da criança | 43 |
| 2.5. Responsabilidade paterna global em função da idade do pai | 44 |
| 2.6. Responsabilidade paterna em função da idade do pai | 44 |
| 2.7. Responsabilidade paterna em função da idade do pai e do sexo da criança | 46 |
| 2.8. Responsabilidade paterna global em função da escolaridade do pai | 46 |
| 2.9. Responsabilidade paterna em função da escolaridade do pai | 46 |
| 2.10. Responsabilidade paterna em função da escolaridade do pai e do sexo da criança | 47 |
| Capítulo IV. Discussão e Conclusão | |
| 1. Discussão e Conclusão | 49 |
| Referências Bibliográficas | 52 |

Anexos

Anexo I - Declaração de consentimento informado

Anexo II – Ficha de dados sociodemográficos

Anexo III – Escala de Responsabilidade Paterna

Anexo IV – GUIA

Índice de quadros

| | |
|--|-----------|
| Quadro 1 – Distribuição dos itens da ERP pelas quatro dimensões da escola | 30 |
| Quadro 2- Médias e desvios padrão relativos às formas de interação em função do período da semana a que se reporta o diário | 36 |
| Quadro 3 - Médias e desvios padrão relativos às formas de interação em função do sexo da criança | 37 |
| Quadro 4 – Médias e desvios padrão relativos às formas de interação com os filhos e com as filhas em função do período da semana a que se reporta o diário | 37 |
| Quadro 5 – Médias e desvios padrão nas diferentes formas de interação paterna tendo em conta a idade do pai | 38 |
| Quadro 6 – Médias e desvios padrão do tempo nas diferentes formas de interação paterna tendo em conta a escolaridade dos pais | 40 |
| Quadro 7 – Médias e desvios padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna | 41 |
| Quadro 8 – Médias e desvios padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna em função do sexo da criança | 43 |
| Quadro 9 – Médias e desvios padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna em função da idade pai | 45 |
| Quadro 10 – Médias e desvios padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna em função da escolaridade do pai | 47 |

Índice de figuras

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 – Tempo despendido pelo pai em função das formas de interação com a criança | 34 |
| Figura 2 – Tempo de envolvimento nas quatro formas de interação em função do período da semana | 35 |
| Figura 3 – Tempo médio de interação nas diferentes formas, tendo em conta a idade do pai | 39 |
| Figura 4 – Média e desvio padrão dos resultados da Escala de Responsabilidade Paterna | 42 |
| Figura 5 – Valores médios observados na Escala de Responsabilidade Paterna tendo em conta o sexo da criança | 44 |
| Figura 6 – Média dos resultados nas diferentes dimensões da Escala de Responsabilidade Paterna em função da idade do pai | 45 |

Introdução

Nada mudou mais a vida das famílias no século XX que o aumento dramático da participação das mães no trabalho, levando a que cada vez mais cedo muitas crianças vejam o seu dia ocupado por uma agenda repleta de atividades, um quotidiano cada vez mais solitário e fisicamente inativo. Esta ideia é reforçada por Hofferth e Sandberg (2001, cit por Teixeira, 2004), que realçam que cada vez mais as crianças participam em atividades estruturadas e os pais têm menos influência no seu contributo para o desenvolvimento da criança. Segundo Neto (2004) este excesso de preocupação com o aspeto intelectual produz uma geração de crianças “intelectualmente ativas e comportamentalmente passivas”.

Este estudo das rotinas diárias da criança e interações por ela estabelecidas terá como base a teoria bioecológica proposta por Bronfenbrenner (1993, 1998). Este autor afirma que investigar ecologicamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes significa defini-los como pessoas em desenvolvimento e no contexto. Como refere Bairrão (1992), este desenvolvimento humano ocorre, ao longo do seu ciclo de vida, através da acomodação progressiva ao meio ambiente em constante mudança. A referida teoria suporta que as particularidades do desenvolvimento vivenciadas pelas crianças e pelos adolescentes, que crescem num contexto definido, sejam enfatizadas, e não os défices encontrados em função da comparação com crianças e adolescentes que se desenvolvem em contextos culturalmente diferentes.

Esta mudança no modo em como estas interações são observadas e estudadas implicou um novo olhar e consequentemente maiores expectativas para o envolvimento do pai no cuidado de crianças.

Este aumento do interesse na "nova paternidade" levou ao desenvolvimento de investigações sobre como o envolvimento do pai nas atividades, e os cuidados do dia-a-dia de seus filhos afeta a si mesmos e a outros membros da família. Wall e Arnold (2007) suportam que na medida em que os pais são percebidos pela forma como estão envolvidos com os seus filhos, são uma parte importante do microssistema da criança. Os pais podem influenciar este microssistema pela quantidade e qualidade de suas interações com a criança e com outros membros da família. O macrossistema onde a criança se insere é apontado por Wall e Arnold (2007), como sendo passível de afetar as interações e o envolvimento paterno com a criança, através dos seus valores, ideologias, organização e processos das instituições sociais comuns a uma determinada cultura.

Tendo como ponto de partida esta evolução no papel do pai, consideramos pertinente que esta investigação procurasse compreender de que modo as rotinas diárias das crianças em

idade escolar se encontram organizadas, analisar o envolvimento paterno e as diferentes formas de interação, assim como a assunção de responsabilidade paterna de modo global e em cada uma das suas dimensões.

No primeiro capítulo debruçamo-nos sobre o enquadramento concetual onde é explicitado o modelo no qual assenta esta investigação, considerando os diferentes contextos com os quais a criança interage e que inevitavelmente condicionam as suas rotinas. Neste capítulo é ainda abordado o envolvimento paterno e algumas das variáveis que o influenciam, assim como os contributos encontrados para suportar o “objetivo” deste estudo.

O segundo capítulo é dedicado ao método, onde são caracterizados os participantes na investigação e onde são explicitados os instrumentos utilizados. É possível ainda encontrar a descrição pormenorizada dos procedimentos realizados.

Os resultados são divulgados no terceiro capítulo. De modo a que a sua leitura e interpretação seja facilitada encontram-se organizados tendo em conta os tópicos de investigação definidos previamente.

Numa última parte encontramos a discussão e conclusões do estudo. De modo a evitar uma leitura redundante, procurou-se alternar momentos de descrição com outros de compreensão confrontando os resultados com evidências encontradas por outros autores. São ainda referidas neste capítulo algumas limitações que julgamos terem condicionado este estudo e são formuladas sugestões para futuras investigações nesta área.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

1. O Desenvolvimento em Contexto

Este desenvolvimento em contexto, pelo qual as crianças e jovens se encontram profundamente influenciados (família, amigos, colegas de turma, vizinhos, comunidade, cultura) influencia igualmente o comportamento dos pais. Por conseguinte, a capacidade de um pai para cuidar e educar com sucesso um filho não é apenas uma questão de personalidade, mas também o é em função da comunidade e cultura particular onde pais e filhos vivem. Os modelos ecológicos têm sido frequentemente usados para explicar o envolvimento dos pais com seus filhos (Adamsons, O'Brien, & Pasley, 2007; Belsky, 1984; Lamb, 1997; cit por Fagan, et al., 2009).

O ambiente ecológico é definido como um sistema de estruturas agrupadas, independentes e dinâmicas. Bronfenbrenner (1994) define o ambiente ecológico como um conjunto de estruturas encaixadas, uma dentro da outra, como um conjunto de bonecas russas. O primeiro nível é descrito por Bronfenbrenner (1994) como um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento, num determinado contexto face-a-face, com determinadas características físicas, sociais e simbólicas. Este nível mais “interno” de comunicação é designado por microsistema, e deve ser entendido como incluindo as relações familiares, as relações entre colegas e com os professores, devendo ser, como menciona Swick (2006) o cenário de aprendizagem mais íntimo da criança, oferecendo-lhe um ponto de referência do mundo.

Como referem Bronfenbrenner e Morris (1998), esta construção abrange formas de interação entre o organismo e o ambiente, chamados processos proximais, que operam ao longo do tempo e são postos como os principais mecanismos que produzem o desenvolvimento humano. Estes autores referem ainda que para que o desenvolvimento realmente ocorra, a pessoa tem de estar envolvida numa atividade e esta tem de ser realizada numa base regular por um determinado período de tempo.

O mesossistema é definido como a inter-relação entre os principais cenários que contêm a pessoa em desenvolvimento num momento particular da sua vida. Um exemplo seria as inter-relações e influências mútuas entre a família e a escola (o que ocorre na escola pode afetar a família e vice-versa).

O exossistema define-se como uma extensão do mesossistema. Representa as estruturas sociais, quer formais como informais (por exemplo, o mundo do trabalho, as redes de relações sociais, a distribuição de bens e serviços), que, como referem Adamsons e colegas (2007), apesar de os indivíduos não estarem diretamente envolvidos eles são, todavia, afetados. Deste modo, o

que ocorre no microsistema (por exemplo, a interação pais–filho em contexto familiar) pode ser influenciado pelo que acontece noutros sistemas nos quais a criança não desempenha nenhum papel direto.

Finalmente, Bronfenbrenner (1994) descreve o macrosistema como o padrão global de características do micro, meso e exossistema de uma determinada cultura ou subcultura, com especial referência para os sistemas de crenças, o “conhecimento”, recursos materiais, costumes, estilo de vida e as opções de curso de vida que são incorporados em cada um destes sistemas mais amplos. Assim, por exemplo, as atitudes, os valores e as crenças sociais relativas à infância e ao papel parental na educação dos filhos podem ter importante influência na forma como uma criança é socialmente tratada e valorizada.

Posteriormente, o mesmo autor, redefine ainda o seu modelo integrando o conceito de tempo, incorporando vários aspetos temporais de desenvolvimento. Além da passagem “básica” de tempo durante o qual o desenvolvimento ocorre, Adamsons e colegas (2007) acrescentam que este conceito de tempo refere-se ainda à idade cronológica dos indivíduos, ao período histórico em que residem, e “tempo para a família” (estados desenvolvimentais da família).

Tendo em conta esta dimensão temporal, e citando Teixeira (2004) “importa perceber quanto tempo a criança passa com as várias pessoas que constituem o seu contexto social de interação” uma vez que, como referem Hofferth e Sandberg (2001, cit por Teixeira, 2004), a forma como as crianças ocupam o seu tempo afeta o seu desenvolvimento cognitivo e social. Como referido anteriormente as rotinas diárias da criança, durante a semana, são condicionadas pelas práticas escolares destas e por um aumento da carga horária laboral dos pais.

O tempo que as crianças passam a realizar determinada atividade, o tempo que passam em interação com outra pessoa, o tempo que estão em determinado local, por si só será redutor e deixará segundo Teixeira (2004) de fora dimensões bastante importantes para a compreensão da gestão que a pessoa faz do seu tempo e do estabelecimento de interações entre esta e o seu contexto mais próximo. Citando este autor, torna-se importante conhecer “as características da interação, dos conteúdos das atividades, dos contextos onde essas atividades acontecem”.

Esta área tem despoletado grande interesse na comunidade científica e ao longo do tempo, foram surgindo diversos instrumentos e metodologias para estudar a forma como as pessoas usam o seu tempo (Teixeira & Cruz, 2006). A metodologia do diário de tempo foi introduzida pela primeira vez nos anos vinte por Martha Van Renssealer, porém posteriormente caiu em desuso. Esta metodologia foi reavivada nos anos 70 através dos esforços de Walker e Woods e, atualmente é o instrumento mais utilizado para a obtenção de informação. Em Portugal,

o primeiro estudo visando as rotinas diárias da população e o modo como estas ocupavam o seu tempo foi realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 1999 (Lopes & Coelho, 2002). Este estudo abrangeu todos os indivíduos com mais de seis anos de idade aos quais era pedido que registassem no diário todas as atividades realizadas ao longo de um dia, pré-definido previamente pela equipa de investigadores. Os referidos autores organizam as rotinas diárias das crianças em atividades de cuidados pessoais, atividades de estudo e atividades de tempos livres. Lopes e Coelho (2002) salientam que “mais de metade do dia da criança é ocupado com atividades de cuidados pessoais”, ou seja, relativas à higiene pessoal, às refeições e sobretudo o sono.

Através deste estudo podemos então concluir que a ocupação do tempo das crianças é fortemente condicionada pelo tempo dos adultos. A sua pouca autonomia faz com que a organização do seu tempo seja em grande medida decidida pelos adultos. Consequentemente, é através desta relação pais-criança que esta adquire um conjunto de atitudes, hábitos e valores que vão definindo a sua personalidade.

2. Paternidade, Maternidade, Parentalidade... Sinais dos Tempos

Ao longo dos tempos, o papel do pai foi evidenciando alterações. Se “antigamente” o pai desempenhava um papel sobretudo de agente educativo e disciplinador, onde a interação com o(s) filho(s) era reduzida, atualmente assistimos a uma transformação desse papel. Como sustenta Parke (2004) os pais passam a ser claramente reconhecidos como atores centrais na família e um dos principais contribuintes para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças. O papel dos pais na vida das crianças é agora então amplamente reconhecido e melhor compreendido do que o era algumas décadas atrás.

Segundo Palkovitz (2007) a transição para a paternidade implica, para muitos homens, o assumir de um novo nível de responsabilidades. De resto, Parke (2004) sugere que tornar-se pai produz um impacto no próprio desenvolvimento psicológico do homem e no seu bem-estar. Além do mais, os papéis que os pais desempenham na vida dos filhos mudaram nas últimas décadas (Hwang & Lamb, 2002, cit por Balancho, 2004), sobretudo os últimos anos são marcados pela emergência de um novo conceito de parentalidade, caracterizado pela participação ativa do pai nos processos de saúde e educação da criança, onde as dimensões afetivas e de regulação do papel do pai estão presentes, além das dimensões tradicionais do suporte económico e funcional da família.

Este ideal recente de um novo pai está enraizado numa série de mudanças, tanto em termos de práticas sociais, bem como em representações e crenças associadas ao papel paterno, que muitas áreas da ciência têm tentado analisar e compreender à luz de mudanças mais amplas ocorridas dentro da família. Apesar de alguma pesquisa referir que os pais muitas vezes são descritos como estando diferencialmente envolvidos em diferentes domínios da parentalidade (Finley & Schwartz, 2008) e que, como referem Coley e Coltrane (2007), a influência paterna seja diferente da materna, o facto é que os pais podem desempenhar papéis parentais distintos mas também complementares ao das mães.

A participação dos pais nas atividades consideradas importantes na vida de seus filhos é um dos elementos críticos do desenvolvimento saudável das crianças. Brown e colegas (2001) salientam que as mães e os pais que estão envolvidos de forma consistente e positiva na vida dos seus filhos, ajudam estes a crescer com um forte sentido de si mesmos, um sentimento de segurança e um conjunto de outras características positivas. Porém, Pleck (1997) argumenta que o mais importante não é a quantidade de tempo que um pai realmente despende com a criança, mas sim a perceção do nível e da qualidade do envolvimento do pai com a criança. Segundo aquele autor, o impacto a longo prazo que o pai tem sobre a criança é uma função, não apenas do

comportamento real dos pais, mas sim da percepção de longo prazo da criança do comportamento dos pais.

Neste sentido, Balancho (2004) comparou as representações acerca da paternidade entre duas diferentes gerações, referentes a pais e avós, constatando que as representações destes últimos correspondem a uma imagem de um pai mais tradicional, que se afigura através da autoridade e da disciplina ao mesmo tempo que se distancia emocionalmente da criança. Pelo contrário, a geração atual – “encarnada” pelos pais – realça a capacidade de ser sensível, compreensivo e dialogante, de se envolver afetivamente com a criança, partilhando a autoridade, emergindo assim de modo descontraído e lúdico.

Este outro “olhar” sobre a paternidade aparece também associado ao que se designa por “Parentalidade Positiva”. Ou seja, um *“comportamento parental baseado no melhor interesse da criança e que assegura a satisfação das principais necessidades das crianças e a sua capacitação, sem violência, proporcionando-lhe o reconhecimento e a orientação necessários, o que implica a fixação de limites ao seu comportamento, para possibilitar o seu pleno desenvolvimento”*, (Recomendação do Conselho da Europa, Lisboa 2006). Por outras palavras, a Parentalidade Positiva visa criar as condições adequadas para que as crianças possam desenvolver as suas capacidades de forma o mais completa possível, tanto dentro, como fora da família. No fundo, estes “novos pais” precisam de sentir que são capazes de fazer face às necessidades materiais dos seus filhos e que podem contribuir significativamente para o seu bem-estar cognitivo e socioemocional.

De facto, como sustenta Balancho (2004), estudar o papel do pai na atual sociedade ocidental será uma tarefa só entendível através de uma perspetiva inter e multidisciplinar, onde a psicologia e a educação, a lei e a jurisprudência, a sociologia e a biologia genética devem ter assento.

3. Envolvimento Paterno: um Constructo em Desenvolvimento

Uma das áreas-chave na investigação sobre a parentalidade é o envolvimento paterno, um conceito definido tanto em termos de tempo despendido em interação com a criança, ou em termos de qualidade desta relação. Concetualmente, o constructo envolvimento baseou-se nas teorias e nos estudos empíricos da psicologia do desenvolvimento acerca das influências paternas sobre a criança e, a partir de estudos desenvolvidos em contextos familiares, em particular, sobre a divisão conjugal das tarefas.

Na realidade, a literatura na área do envolvimento paterno baseava-se sobretudo em dimensões quantitativas (nomeadamente, a quantidade de tempo com a criança) passando depois a incluir e a realçar dimensões mais qualitativas, particularmente o afeto, a monitorização e controlo exercidos e a responsabilidade paterna. O pai influencia os seus filhos de forma direta (através dos seus comportamentos e atitudes) e de forma indireta (através dos seus efeitos nas outras pessoas e circunstâncias que envolvem o desenvolvimento da criança, como o seu suporte emocional e instrumental, nomeadamente em relação à mãe que presta um cuidado direto à criança) (Lamb, 2010).

Cabrera e Tamis-LeMonda (1999) realçam os esforços para caraterizar o envolvimento paterno e compreender os efeitos no desenvolvimento da criança. Estes autores apontam para quatro áreas de pesquisa: (1) os papéis que os pais desempenham na família; (2) tipos de envolvimento dos pais; (3) os resultados da criança; (4) diferentes vias de influência.

O envolvimento paterno pode assim ser caracterizado de várias formas diferentes. Tem sido mais frequentemente caracterizado como o contacto direto com uma criança, embora possa também incluir outras responsabilidades e papéis que são periféricos a esse “passar o tempo juntos” (Palkovitz, 1997; cit por Hall, 2005). Lamb e Lewis (2003) relembram que os homens, há trinta anos atrás, eram descritos como “contribuintes esquecidos” do desenvolvimento da criança, e nesse período estariam alternadamente dentro e fora do foco de pesquisa. Porém, atualmente existe uma grande base de dados com os quais é possível estudar o papel do homem na família.

A imagem do homem tem vindo a alterar-se, colocando-se a tónica num pai afetuoso e ativamente envolvido no quotidiano dos filhos (Lamb, 2004). Os pais de hoje estão muitas vezes envolvidos diretamente na educação dos filhos de várias maneiras, incluindo alimentar e cuidar, a prática de lazer e atividades lúdicas, proporcionando à mãe da criança apoio emocional e prático, fornecendo orientação e disciplina moral (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb,

2000). Esta ideia é reforçada por Robinson e Shears (2005) ao referirem que as evidências sugerem que os pais estão atentos, sensíveis e hábeis nas suas interações com os seus filhos contrariando assim alguns estereótipos comuns sobre as competências dos pais.

No sentido de definir conceptualizações mais abrangentes e multidimensionais, um dos modelos mais influentes é o de Lamb e colaboradores (1987; in Marsiglio, Day & Lamb, 2000). Estes autores propuseram uma concetualização do envolvimento do pai, que engloba três componentes ou formas de envolvimento paterno: Interação (interação direta com a criança, na forma de cuidar, brincar ou lazer); acessibilidade (disponibilidade) para a criança, e de responsabilidade, segundo o qual define que o pai deve ter certeza de que a criança é cuidada assim como organizar os recursos para a criança.

No que respeita à forma de envolvimento Interação, tendo como base os estudos de McBride e Mills e de McBride e Rane (1993, 1998, cit. por Lima, 2008) esta pode ainda ser subdividida em quatro tipos de interação: (1) Jogo – o pai e a criança estão envolvidos de forma ativa em alguma atividade centrada na criança e realizada por prazer ou diversão; (2) Funcional – o pai ajuda ou desempenha alguma tarefa de prestação de cuidados à criança que ela, provavelmente, não conseguiria realizar sozinha; (3) Paralelo – o pai e a criança envolvem-se numa atividade centrada no adulto, ou estão envolvidos na mesma atividade sendo que o pai não está a prestar total atenção porque está a realizar outra tarefa, ou estão a realizar atividades diferentes mas ocupam um espaço físico próximo; (4) Transição – o pai está a desempenhar uma tarefa na qual ajuda a criança a passar de uma atividade para outra, mas a criança prossegue a atividade sem a ajuda do adulto.

McBride (2005) no estudo do papel mediador dos pais no envolvimento escolar e no desempenho do aluno realça o modelo proposto por Grolnick e Slowiaczek (1994) no qual definiam o envolvimento dos pais de três maneiras diferentes: (1) comportamental, (2) cognitivo-intelectual, e (3) pessoal. O envolvimento comportamental incluiria a participação nas atividades escolares tais como as reuniões pais-professores, atividades em casa tais como auxílio nos trabalhos de casa. O envolvimento cognitivo-intelectual incluiria a conexão dos filhos com atividades intelectuais como idas à biblioteca e discussão de eventos atuais. O envolvimento pessoal implicaria manter-se informado com o que estaria acontecendo com a criança na escola.

Palkovitz (2002) concetualiza o envolvimento paterno englobando três domínios sobrepostos (cognitivo, afetivo e comportamental). Sugere ainda que os pais podem estar envolvidos com os seus filhos de quinze maneiras diferentes (comunicação, controlo/acompanhamento, ensino, envolvimento em processos de pensamento, demonstração de afeto,

proteção, apoio emocional, execução de pequenas tarefas, partilha de interesses, mostrar-se disponível, planejar e partilhar atividades. Para o mesmo autor, ainda que nos últimos anos a investigação acerca da paternidade tenha vindo a aumentar, são poucos os estudos que fazem menção a variações individuais, o que se revela essencial uma vez que todos os pais têm características específicas que se traduzem em histórias de vida únicas, trajetórias de desenvolvimento particulares e estilos de interação e de envolvimento distintos (Palkovitz, 2002).

No mesmo sentido, Pleck (2010) realça a importância do pai na vida da criança, apresentando o modelo de paternidade-masculinidade e a denominada “hipótese de pai essencial”. Este autor defende então que a masculinidade, por si só, tem um contributo único para as crianças e sugere deste modo, a “hipótese de pai importante”, segundo a qual o pai tem uma importância para a criança que é independente da importância da mãe.

Apesar de a literatura comprovar um aumento consistente nos níveis de envolvimento paterno, Balancho (2004) refere que não é ainda clara a consistência generalizada dessa mudança, nem o seu alargamento a todas as culturas e níveis socioeconómicos e culturais. Por exemplo, Hall (2005) no seu estudo longitudinal concluiu que os pais em 1997 vivenciam mais horas de interação paternal do que no período de 1977.

4. Fatores que Influenciam o Envolvimento Paterno

O envolvimento do pai ,é segundo LeMonda e Cabrera (1999), afetado por múltiplos sistemas operacionais que interagem ao longo da vida, incluindo a saúde mental do pai, expectativas, relações familiares, redes de apoio, comunidade e cultura, as características próprias da criança, e até mesmo políticas públicas e sociais.

Por seu turno, Lewis e Lamb (2007) referem diversos fatores que influenciam o envolvimento do pai com os seus filhos e interação ao longo do tempo: biológico, motivacional, cultural, económico, histórico, legal, políticas sociais e relação com a mãe da criança. Stueve e Pleck (2002) afirmam que os três fatores que motivam o envolvimento do pai são o tipo de estrutura familiar, os fatores sociais ou demográficos e o tempo que passam com os filhos.

Lamb (1997; cit por Bouchard et al., 2007), identificou a motivação, as habilidades e a confiança, o apoio social e as políticas de apoio, como facilitadores do envolvimento dos homens com os seus filhos. Da mesma forma, Marsiglio, Day e Lamb (2010) referem que a motivação para ser pais responsáveis que estão envolvidos de forma positiva com seus filhos pode decorrer de alguns dos fatores como: (a) verdadeiro amor pelas crianças, (b) sociais, religiosos e familiares para agir como homens adultos masculinos, (c) experiências familiares precoces, particularmente o comportamento dos seus próprios pais, e (d) a sua perceção de quanto os seus filhos precisam do seu envolvimento ou de recursos financeiros. O tipo e a extensão do envolvimento dos pais também pode ser afetado por lembranças que estes experimentaram como crianças bem como pela sua interpretação que fazem de comportamentos de paternidade de outros homens em situações sociais específicas.

A competitividade profissional, associada a um horário de trabalho cada vez mais alargado, conduz a que, como aludem Yeung e colegas (2001) ocorram diferenças substanciais tanto no nível absoluto de envolvimento do pai como no tipo de atividades em que os pais estão envolvidos durante a semana e o fim de semana. Atualmente a dimensão emprego (desemprego) merece ainda maior atenção pois a condição económica do pai pode afetar claramente a sua capacidade para fornecer apoio adequado à criança e pode vir a afetar seu relacionamento, tanto com a sua parceira, como com o filho.

Outro elemento a ter em consideração no tipo de envolvimento paterno será naturalmente a criança, uma vez que as suas características também afetam a forma como o pai interage, o que poderá auxiliar a compreender a variabilidade desse envolvimento no contexto familiar.

5. Fatores de envolvimento paterno: as variáveis em estudo

5.1. Envolvimento paterno e o dia a que se reporta o diário: Um aspeto desde logo identificado em estudos que se debruçam na análise do envolvimento paterno é a grande diferença na organização da vida das crianças durante os dias de semana e ao fim de semana. Segundo Teixeira (2004) essas diferenças não se notam apenas porque durante a semana há aulas e ao fim de semana não. Para o mesmo autor essa diferença reside no contexto social de interação - há uma importante presença do grupo de pares, durante a semana e que praticamente desaparece ao fim de semana.

Os estudos de Lima (2001, 2005, 2009) também evidenciam diferenças significativas nas formas de envolvimento do pai, à semana e ao fim de semana.

5.2. Envolvimento paterno e sexo da criança. Apesar de alguns estudos não encontrarem qualquer relação entre o envolvimento paterno e o sexo da criança, Yeung e colegas (2001) reconhecem que o envolvimento dos pais com a criança varia de acordo com a idade e género da mesma. Estudos recentes fundamentam a ideia de que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas (Lima, 2001). Esta ideia pode ainda ser suportada pelo estudo de Wood e Repetti (2004) no qual demonstram maiores níveis globais de envolvimento dos pais com os filhos quando há filhos presentes na família do que quando há apenas filhas presentes.

Lima (2001) pôde verificar igualmente que, analisando as formas de envolvimento paterno, o pai despende mais tempo em Interação quando se trata de uma criança do sexo masculino e em Acessibilidade quando se trata de uma criança do sexo feminino.

Vários outros estudos revelam que os pais estão mais envolvidos e com maior sensibilidade na relação com os filhos do sexo masculino do que com os filhos do sexo feminino, ao contrário das relações estabelecidas pela mãe com os filhos, onde não se revela diferenciação quando analisado o sexo da criança (cf. Almeida & Galambos, 1991).

5.3. Envolvimento paterno em função da idade e escolaridade do pai. Lima (2008) verificou nos seus estudos que eram os pais mais velhos os que assumiam maiores responsabilidades parentais do que os pais mais novos. Esta ideia, porém, não é corroborada por Cruz (2011) que no seu estudo não verificou diferenças nas formas de envolvimento nem nos tipos de interação, em função da idade do pai.

O acesso a informação poderá também interferir no envolvimento paterno, uma vez que, é possível encontrar diferenças significativas entre os níveis de escolaridade dos pais (aspecto preponderante na definição do estatuto socioeconómico). Monteiro e colegas (2006) referem que o fato dos pais com habilitações literárias superiores associarem as atividades de brincadeira a uma estimulação às aprendizagens cognitivas e sociais dos filhos, pode ajudar a compreender o seu maior envolvimento nesta área. Os mesmos autores sustentam ainda que as habilitações literárias superiores poderão associar-se mais frequentemente a profissões mais liberais, que poderão caracterizar-se por uma maior flexibilidade de horários, o que poderá contribuir para uma mais fácil conciliação entre o trabalho e as atividades familiares.

No fundo, como refere Hofferth (2003), pais melhor educados podem atingir um nível mais elevado de envolvimento com os seus filhos, passar mais tempo e ser mais afáveis com eles. Embora qualquer pai possa mostrar carinho às crianças, pais educados podem entender melhor este aspeto de expressão para o desenvolvimento da criança e agir de acordo com a sua compreensão.

6. Contributo para o estudo do envolvimento paterno nas rotinas diárias das crianças do 2º ciclo do ensino básico

O estudo do envolvimento do pai tem constituído um desafio para os investigadores da psicologia do desenvolvimento e da educação, em particular, e para as ciências sociais, em geral. Alguns autores salientam que o estudo desta temática do envolvimento paterno transporta consigo um conjunto de fatores que podem condicionar significativamente o envolvimento paterno e as interações estabelecidas pelo pai com a criança. Após uma cuidada revisão da literatura, consideramos pertinente considerar para este estudo as variáveis; “dia da semana ou dia de fim-de-semana”, “sexo da criança”, “idade do pai” e escolaridade do pai”.

Como foi possível constatar ao longo do enquadramento conceptual nos últimos anos assistimos a um crescente interesse pelo estudo de questões relacionadas com a paternidade. Estes estudos, na sua maioria têm por base o modelo tripartido de envolvimento paterno proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987), que citando Lima (2005) “pretende dar a conhecer as diferentes formas que a participação do pai no processo de socialização da criança pode assumir”. Este constructo envolvimento paterno é assim composto por três componentes: (1) Interação - relativo à quantidade de tempo que o pai passa em interação direta com a criança; (2) acessibilidade ou disponibilidade para a criança; (3) responsabilidade pelo cuidado da criança.

Apesar dos avanços dos últimos anos na investigação, Fitzgerald e colegas (1999) salientam que os estudos nesta área do envolvimento paterno apresentam ainda algumas limitações, designadamente em termos de validade ecológica, e a tendência para se concentrarem primordialmente no tempo que os pais passam com a criança, raramente analisando a qualidade desse tempo, que se configura como um elemento tão ou mais importante.

Como referimos anteriormente, observa-se um interesse gradual pela análise do envolvimento paterno nas atividades e rotinas da criança, porém ainda são poucos os estudos que incluem nesta análise crianças de faixas etárias mais elevadas. Desta forma revela-se pertinente (1) analisar as formas de envolvimento do pai – interação, acessibilidade e responsabilidade – nas rotinas diárias das crianças do 2º ciclo do ensino básico; (2) analisar em que medida essas formas de envolvimento se relacionam com o sexo da criança, a idade e nível de escolaridade dos pais.

De modo mais específico neste estudo consideram-se os seguintes tópicos de investigação:

(1) Caracterização das formas de envolvimento do pai – interação, acessibilidade e responsabilidade – e os tipos de interação paterna – jogo, funcional, paralelo, transição;

(2) Diferenças entre as formas de envolvimento paterno tendo em conta dia da semana e dia de fim-de-semana;

(3) Em que medida as formas de envolvimento e os tipos de interação paterna variam em função do sexo da criança;

(4) Em que medida as formas de envolvimento e os tipos de interação paterna variam em função da idade do pai;

(5) Em que medida as formas de envolvimento e os tipos de interação paterna variam em função do nível de escolaridade dos pais.

CAPÍTULO II – MÉTODO

1. Participantes

Participaram neste estudo 85 crianças (sexo masculino, $n = 34$; sexo feminino, $n = 51$), distribuídas por várias turmas do 5º e 6º ano de escolaridade. A média de idades dos participantes é de 10.86 anos ($DP = 0.82$) e varia entre os 9 e os 13 anos de idade.

2. Instrumentos

2.1. Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade – GUIA: Com o objetivo de recolher dados sobre as formas de envolvimento Interação e Acessibilidade optou-se então por utilizar o Guião de Entrevista - Interação/Acessibilidade (GUIA), desenvolvido por Lima (2009).

Este instrumento permitiu-nos obter junto das crianças informação sobre os seguintes descritores: (1) que atividade principal a criança estava a realizar; (2) se estava a fazer mais alguma coisa no mesmo intervalo de tempo; (3) o local onde decorreu a atividade; (4) a que horas a atividade se iniciou e terminou; (5) se estava a realizar a atividade sozinha ou acompanhada; (6) quem mais estava presente nesse local, mas não diretamente envolvido na atividade; (7) o que é que o pai estava a fazer nesse período de tempo.

Neste guião de entrevista é pedido às crianças que procurem descrever de forma pormenorizada toda a sua rotina e interações ao longo do dia. Os participantes reportam-se a um dia específico de acordo com os objetivos da investigação. De acordo com os registos efetuados, procurou-se explorar as formas de envolvimento paterno – *Interação*, *Acessibilidade* e *Responsabilidade*. Pretendeu-se ainda analisar os tipos de interação – Jogo, Funcional, Paralelo, Transição.

2.2 Escala de Responsabilidade Paterna: No sentido de se avaliar o modo como as crianças percecionam a forma como os pais assumem as suas responsabilidades parentais, utilizou-se a Escala de Responsabilidade Paterna (Lima, 2009).

Este instrumento é composto por 27 itens, com escalas de autorrelato de cinco níveis de resposta, rotulados da seguinte forma: “nunca” (= 1), “raramente” (= 2), “algumas vezes” (= 3), “muitas vezes” (= 4), “sempre” (= 5). A escala é constituída por quatro subescalas relativas às seguintes dimensões: Cuidados e Interesse (CI) relacionando-se com a tomada de responsabilidades implicando o interesse pelos cuidados, atividades do quotidiano da criança;

Apoio Emocional e Estimulação (AEE), respeitante à responsabilidade do pai pelo bem-estar emocional e estimulação do filho; Escola (Esc.) permite observar o envolvimento paterno nas atividades escolares; e Autoridade e Disciplina (AD) responsabilidades no âmbito da supervisão e disciplina do filho.

De seguida apresentamos tabela com as dimensões que compõem a escala e os itens que cada uma desses domínios abarca¹.

Quadro 1. *Distribuição dos itens da ERP pelas quatro dimensões da escala.*

| Domínios | Itens |
|-------------------------------|--|
| Cuidados e Interesse | 8, 9, 13, 14, 17, 19, 23 |
| Apoio Emocional e Estimulação | 2, 5, 10, 11, 15, 16, 18, 21, 22, 25, 26, 27 |
| Escola | 1, 4, 6 |
| Autoridade e Disciplina | 7, 20, 24 |

2.3. Ficha de dados sociodemográficos. Esta ficha foi utilizada de forma a obterem-se dados que nos permitissem, de algum modo, caraterizar os participantes deste estudo e respetivos agregados familiares. À criança foi pedido que indicasse dados sobre si mesma (idade, sexo, ano de escolaridade a frequentar), sobre os progenitores (idade, escolaridade e profissão) e sobre o agregado familiar (onde e com quem a criança vive).

3. Procedimento

Previamente foi pedido autorização ao gabinete do Ministério da Educação que coordena a aplicação de inquéritos em meio escolar. Após este passo e com a concordância da direção do Agrupamento de Escolas foi enviado a todos os encarregados de educação dos alunos acima mencionados o pedido de consentimento informado para participação nesta investigação.

¹ Os itens 3 e 12 apresentam saturações equivalentes em 2 ou mais dimensões na ACP realizada por Lima (2009), sendo posteriormente retirados das respetivas análises.

A estas crianças foi pedido inicialmente que procedessem ao preenchimento de uma ficha de dados sociodemográficos. Posteriormente procederam ao preenchimento da Escala de Responsabilidade Paterna (ERP) e ao Guião de Entrevista – Interação e Acessibilidade (GUIA) relativo a um dia da semana anterior à data da entrevista.

No caso da resposta à ficha de dados sociodemográficos e da ERP o procedimento de resposta decorreu em grande grupo e em contexto de sala de aula sob coordenação do psicólogo da escola.

Relativamente ao GUIA foram feitas entrevista individuais com cada um dos participantes. Nestas o entrevistador ajudava a criança a reportar um dia da semana ou um dia de fim-de-semana.

Em média cada participante despendeu cerca de 30 minutos para responder a cada um dos instrumentos relativos ao envolvimento paterno.

CAPÍTULO III – RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos neste estudo. Os tópicos de investigação anteriormente formulados constituem um fio condutor para a referida análise e apresentação de resultados.

1. Interação Paterna

1.1. Tempo total de interação paterna: numa primeira abordagem, procedeu-se à análise do tempo total de interação paterna. Os resultados indicam que, os pais interagem em média, cerca de 58 minutos com a criança² ($M = 58.67$, $DP = 46.04$).

1.2. Tempo total de interação em função do período da semana: quando se analisa o tempo total de interação paterna em função do dia da semana a que se reporta o diário (Semana vs Fim de Semana), de acordo com a Anova, revelam-se diferenças significativas ($F_{1,78} = 89.29$, $p < .001$). Isto é, verifica-se que o tempo de interação paterna é superior ao fim de semana ($M = 116.25$ e $DP = 43.63$), em comparação com a semana ($M = 39.15$ e $DP = 26.39$).

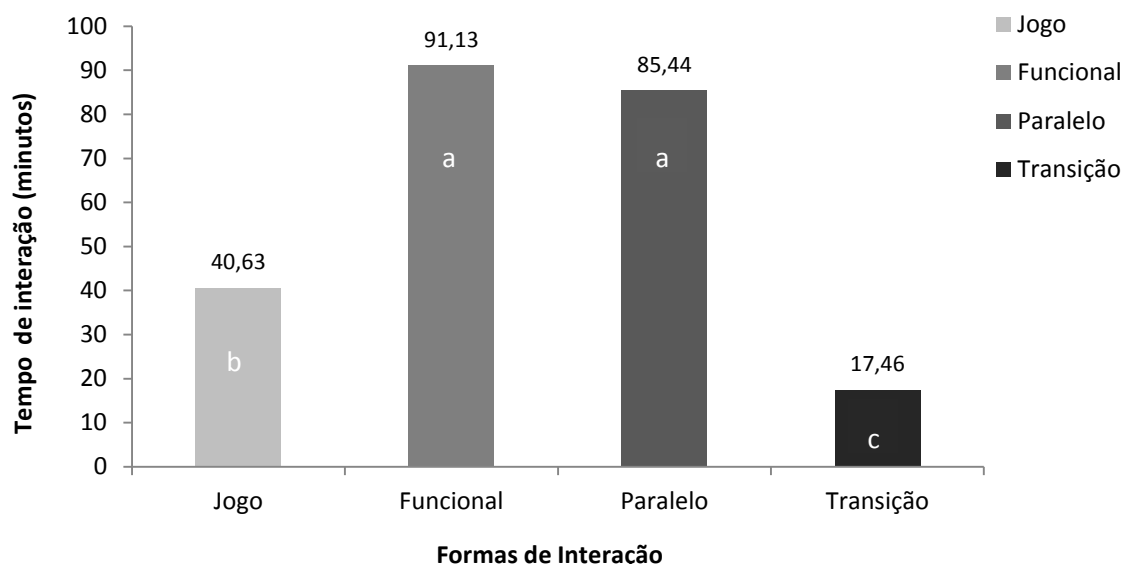
1.3. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação: depois de uma análise do tempo global de interação paterna procurou-se analisar o tempo despendido pelo pai em cada uma das formas de interação. A Anova de medidas repetidas indica que os pais variam o seu tempo de envolvimento em função das mencionadas formas de interação, $F(2.71, 212) = 35.13$, $p < .001$, $\eta^2 = .31$.³ De facto, as médias são mais elevadas na forma de interação *Funcional*, $M = 91.13$, $DP = 67.67$ e *Paralelo*, $M = 85.44$, $DP = 85.54$, (estas formas de interação não diferem entre si, $p = 1$, *ns*), seguida do tempo de interação em *Jogo*, $M = 40.63$, $DP = 65.52$, (maior $p = .003$) e finalmente o valor mais baixo encontra-se no tempo despendido em atividades de *Transição*, $M = 17.46$, $DP = 28.66$, (maior $p = .003$).

² Os dados referentes ao tempo de interação paterna foram obtidos a partir da análise do GUIA referente a um total de 79 sujeitos (não foram considerados seis inquéritos que apresentavam um preenchimento incorreto não sendo possível obter dados que permitisse a análise do tempo dedicado às diferentes formas de envolvimento).

³ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .81$, $p = .006$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

Na figura 1, pode-se observar a distribuição do tempo médio de envolvimento pelas quatro formas de interação consideradas neste estudo.

Figura 1 - *Tempo despendido pelo pai em função das formas de interação com a criança*



Nota: Carateres diferentes assinalam diferenças significativas a $p < .05$.

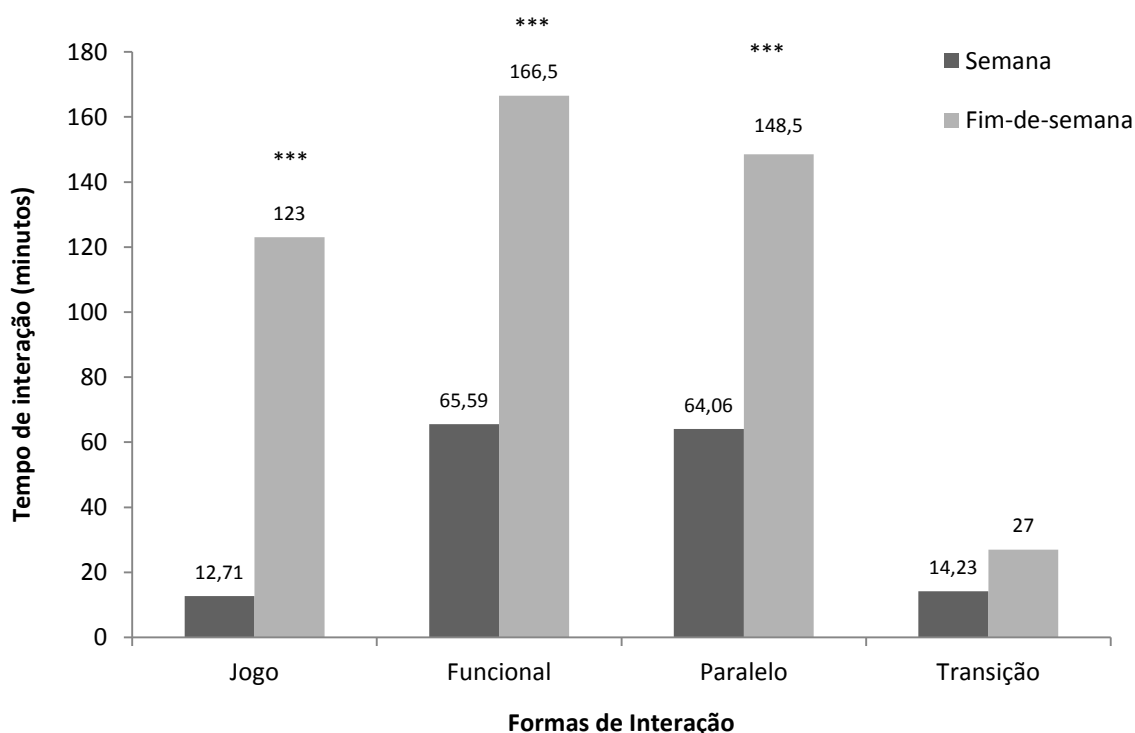
1.4. Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função do período da semana: após esta análise global do tempo despendido pelo pai nas diferentes formas de interação paterna, tornou-se pertinente compreender se este tempo despendido variava em função do dia a que se reporta o diário. Para tal efetuamos uma Anova de medidas repetidas entrando com fatores intra-sujeitos as Formas de Interação (Jogo vs Funcional vs Paralelo vs Transição) e o Período da Semana (Semana vs Fim de semana). De referir que estes resultados devem ser interpretados com parcimónia já que se deve ter em consideração a diferença no efetivo de participantes que responderam a propósito de um dia de semana ou de fim-de-semana ($n = 59$ e $n = 20$, respetivamente)⁴.

⁴ Em tópicos de investigação posteriores (por exemplo, considerando as formas de interação à semana e ao fim de semana em função do sexo da criança, e ou em função da idade e da escolaridade do pai) tendo em conta a manifesta diferença de efetivos nas diversas condições, optamos por não prosseguir com as análises.

A análise revelou efeitos de Período da Semana, $F(1,77) = 89.29$, $p < .001$, $\eta^2 = .54$; Formas de Interação, $F(2.48,191.01) = 44.91$, $p < .001$, $\eta^2 = .37^5$; e de Período da Semana x Formas de Interação, $F(2.48,191.01) = 11.66$, $p < .001$, $\eta^2 = .13$. Os dois primeiros efeitos já foram reportados acima. O primeiro indica que o pai interage mais ao fim de semana com a criança e o segundo mostra que ele despende esse tempo de envolvimento sobretudo em formas de interação Funcional e Paralelo.

Ao considerarmos as Formas de Envolvimento em função do Período da Semana obtemos o seguinte padrão de médias que ilustramos na figura 2. Como se pode observar existem diferenças significativas nas Formas de Interação Jogo, Funcional e Paralelo em função do dia a que se reporta o diário (menor $t_{77} = 4.20$, $p < .001$, $\eta^2 = .48$); porém o pai despende tempo equivalente em Transição, à semana e ao fim de semana ($t_{77} = 1.74$, $p = .09$, *ns*).

Figura 2 - Tempo de envolvimento nas quatro formas de interação em função do período da semana



Nota: *** assinalam diferenças significativas a $p < .05$.

⁵ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .69$, $p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

No quadro 2, apresentamos as médias e os desvios padrão relativos às formas de interação à semana e ao fim de semana.

Quadro 2. Médias e os desvios padrão relativos às formas de interação em função do período da semana a que se reporta o diário

| | Dia a que se reporta o diário | | | |
|------------------|-------------------------------|-----------|---------------|-----------|
| | Semana | | Fim-de-semana | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Jogo | 12.71 | 31.11 | 123.00 | 71.45 |
| Funcional | 65.59 | 45.07 | 166.50 | 67.76 |
| Paralelo | 64.06 | 69.45 | 148.50 | 98.52 |
| Transição | 14.23 | 24.50 | 27.00 | 37.57 |

1.5. *Tempo total de interação em função do sexo da criança*: ao analisar o tempo total de interação do pai em função do sexo da criança constata-se que o pai despende tempo de interação equivalente com um filho ($M = 66.81$, $DP = 52.82$) e com uma filha ($M = 46.09$, $DP = 45.60$), $t_{77} = 1.34$, $p = .19$, *ns*.

1.6. *Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função do sexo da criança*: como seria de esperar também não se verificam efeitos de Sexo ($F_{1,77} = 1.79$, $p = .19$, *ns*) ou das Formas de Interação x Sexo da criança ($F_{2,73,210.16} = 1.28$, $p = .28$, *ns*)⁶. No quadro 3 apresenta-se o padrão de médias e desvios padrão relativos às formas de interação em função do sexo da criança.

⁶ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .80$, $p = .005$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

Quadro 3. Médias e os desvios padrão relativos às formas de interação em função do sexo da criança

| | Sexo da criança | | | |
|------------------|-----------------|-----------|----------|-----------|
| | Masculino | | Feminino | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Jogo | 58.18 | 72.69 | 28.04 | 57.41 |
| Funcional | 100.00 | 69.41 | 84.78 | 66.42 |
| Paralelo | 93.63 | 76.76 | 79.56 | 91.69 |
| Transição | 15.45 | 22.65 | 18.91 | 32.47 |

1.7. *Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação, à semana e ao fim de semana, em função do sexo da criança:* como referido anteriormente, tendo em conta a diferença do número de efetivos por condição, vamos cingir-nos a uma análise mais descritiva (cf. Quadro 4). Em qualquer dos casos, a título informativo, a anova de medidas repetidas entrando como fatores intra-sujeitos as quatro formas de interação e como fatores inter-sujeitos o período a que reporta o diário e o sexo da criança, não se verificam-se quaisquer efeitos de Formas de Interação x Período da Semana x Sexo da criança ($F_{2.46,184.66} = 1.40, p = .24, ns, \eta^2 = .02$)⁷

Quadro 4. Médias e os desvios padrão relativos às formas de interação com os filhos e com as filhas em função do período da semana a que se reporta o diário

| | Sexo da criança | | | |
|------------------|-----------------|-----------|---------------|-----------|
| | Semana | | Fim de semana | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Jogo | 12.71 | 31.11 | 123.00 | 71.45 |
| Funcional | 65.59 | 45.07 | 166.50 | 67.76 |
| Paralelo | 64.06 | 69.45 | 148.50 | 98.52 |
| Transição | 14.23 | 24.50 | 27.00 | 37.57 |

⁷ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .64, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

1.8. *Tempo total de interação em função da idade do pai*: para proceder a esta análise definiu-se dois grupos de pais em função do seu nível etário (utilizando a mediana criou-se um grupo de pais com idade inferior a 41 anos de idade, e um outro grupo de pais com idade igual ou superior a 41 anos de idade). Assim, quando se analisa o tempo total de interação paterna em função da idade do pai não se verificam diferenças significativas entre os pais mais novos ($M = 58.38$, $DP = 47.93$) e os pais mais velhos ($M = 61.35$, $DP = 45$), $t_{74} = .28$, $p = .78$, *ns*.

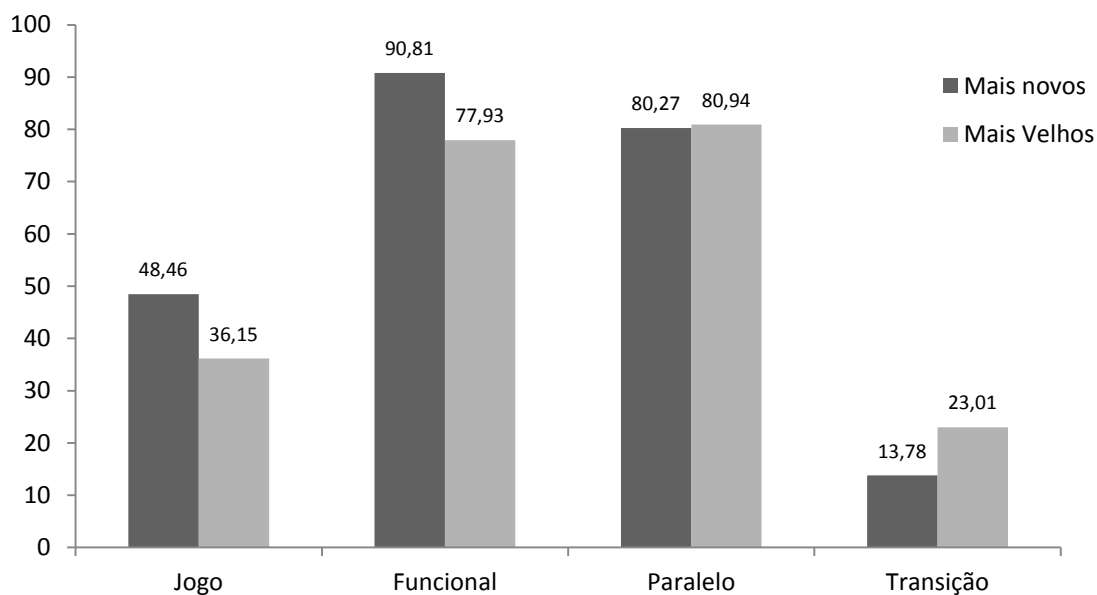
1.9. *Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função da idade do pai*: tal como se verificou na análise relativa ao tempo total de interação, quando se consideram as quatro formas de interação em função da idade do pai (mais novos vs mais velhos), não se verificam diferenças significativas ($F_{2.54,182.76} = .47$, $p = .67$, *ns*, $\eta^2 = .01$)⁸. No Quadro 5 apresentam-se as Médias e os Desvios padrão e na Figura 3 ilustra-se o respetivo padrão de médias.

Quadro 5. Média e desvio-padrão do tempo (em minutos) nas diferentes formas de interação paterna tendo em conta a idade dos pais

| | Idade do Pai | | | |
|------------------|--------------|-----------|-------------|-----------|
| | Mais novos | | Mais velhos | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Jogo | 48.64 | 66.83 | 36.15 | 66.07 |
| Funcional | 90.81 | 94.61 | 77.93 | 58.21 |
| Paralelo | 80.27 | 93.84 | 80.94 | 91.09 |
| Transição | 13.78 | 20.76 | 23.01 | 33.11 |

⁸ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .68$, $p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

Figura 3. Tempo médio de interação nas diferentes formas de envolvimento tendo em conta a idade do pai



1.10. *Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação, à semana e ao fim de semana, em função da idade do pai:* tal como seria expectável a interação entre Formas de interação paterna x Idade do Pai x Período da semana não revela qualquer efeito significativo criança ($F_{2.53,182.76} = .89, p = .43, ns, \eta^2 = .01$)⁹

1.11. *Tempo total de interação paterna em função da escolaridade do pai:* uma das outras questões consideradas neste estudo passaria por determinar se o tempo de interação paterno poderia ser influenciado pelo nível de escolaridade do pai. Neste sentido e num primeiro momento converteu-se a variável “escolaridade do pai” em dois grupos designados em descrições posteriores por “menos escolarizados” e “mais escolarizados”. No quadro 6 são reportadas médias e desvios padrão relativos a estas variáveis.

⁹ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .68, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

Quadro 6. Média e desvio-padrão do tempo nas diferentes formas de interação paterna tendo em conta a escolaridade dos pais

| | Escolaridade | | | |
|------------------|---------------------|-----------|--------------------|-----------|
| | Menos escolarizados | | Mais escolarizados | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Jogo | 47.14 | 68.26 | 37.27 | 64.96 |
| Funcional | 99.28 | 69.33 | 86.36 | 66.98 |
| Paralelo | 86.42 | 79.29 | 90.90 | 95.01 |
| Transição | 18.57 | 31.74 | 16.36 | 24.97 |

1.12. *Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação em função da escolaridade do pai:* após este primeiro passo, recorreu-se a uma anova de medidas repetidas para verificar se existiam diferenças nas formas de interação paterna em função da escolaridade dos pais. O resultado da interação entre Formas de interação paterna x Escolaridade não revela qualquer efeito significativo ($F_{2.57,182.59} = 1.09, p = .35, ns, \eta^2 = .02$)¹⁰.

1.13. *Tempo de envolvimento paterno nas diferentes formas de interação, à semana e ao fim de semana, em função da escolaridade do pai:* posteriormente procedeu-se a uma anova de medidas repetidas entrando como fatores intra-sujeitos as quatro formas de interação e como fatores inter-sujeitos o período a que reporta o diário e a escolaridade do pai. Como seria expectável os resultados obtidos não demonstram qualquer diferença significativa em Formas de Interação x Escolaridade do Pai x Dia a que se reporta o diário ($F_{2.57,182.59} = 1.06, p = .36, ns, \eta^2 = .02$)¹¹.

¹⁰ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .70, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

¹¹ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .70, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

2. Responsabilidade Paterna

2.1. *Responsabilidade paterna global*: inicialmente calculou-se a média e o desvio padrão relativos à Escala de Responsabilidade Paterna global, isto é, considerando a totalidade dos itens que compõem a escala ERP. Os resultados apresentados na tabela seguinte permitem observar que, em média, ($M = 3.91$ e $DP = 0.72$) os pais assumem mais do que “algumas vezes” (ponto médio da escala = 3, $t(76) = 10.92$, $p < 0.001$; e menos do que muitas vezes”, $t(76)^{12} = -1.09$, $p = 0.27$; as suas responsabilidades paternas.

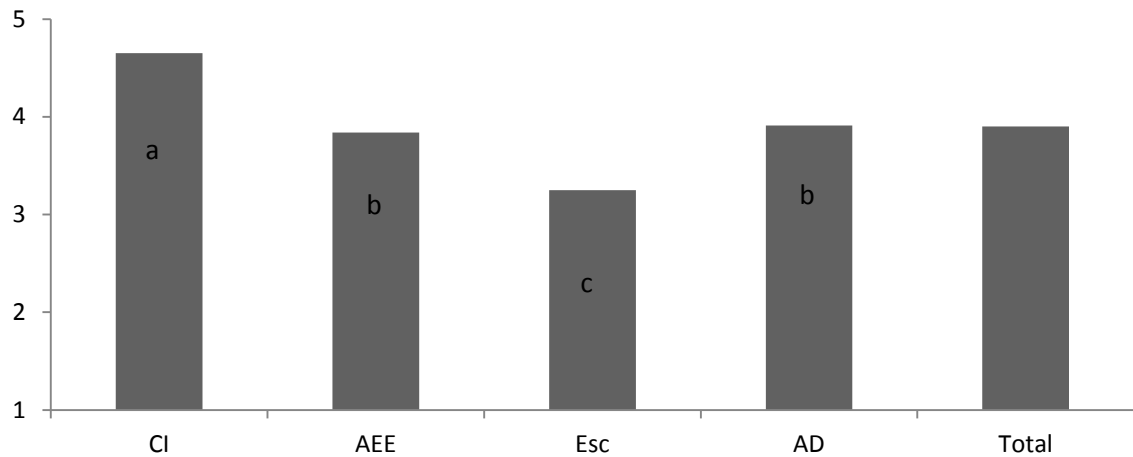
2.2. *Responsabilidade paterna em cada uma das dimensões*: como é possível constatar no quadro seguinte, o pai assume mais responsabilidade na dimensão Cuidados e Interesse (CI), $M = 4.65$ e $DP = .71$; secundada pelas dimensão Autoridade e Disciplina (AD), $M = 3.91$ e $DP = .89$; e a dimensão Apoio Emocional e Estimulação (AEE), $M = 3.84$ e $DP = .70$, estas duas com médias equivalentes. Por fim surge a dimensão Escola, $M = 3.25$ e $DP = 1.20$;

Quadro 7. Média e desvio-padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna

| | <i>M</i> | <i>DP</i> |
|--------------------------------------|----------|-----------|
| Cuidados e Interesse | 4.65 | 0.71 |
| Apoio Emocional e Estimulação | 3.84 | 0.70 |
| Escola | 3.25 | 1.20 |
| Autoridade e Disciplina | 3.91 | 0.89 |
| ERP Total | 3.90 | 0.72 |

¹² Dos 85 questionários respondidos pelas crianças apenas 77 se encontravam preenchidos de forma válida.

Figura 4. Média e desvio padrão dos resultados da ERP.



De modo ainda mais específico procedeu-se à comparação da média com cada um dos descritores da escala de resposta (naturalmente os mais próximos do valor de média de cada uma das dimensões). Os resultados obtidos demonstram que na dimensão cuidados e interesse (CI) os pais assumem as suas responsabilidades mais do que “*muitas vezes*” ($M = 4.65$ e $DP = 0.71$, $t(83) = 8.41$, $p < .001$); e menos do que “*sempre*” $t(83) = 4.43$, $p < .001$). Na dimensão Apoio Emocional e Estimulação, os pais exercem o seu papel “*muitas vezes*” $t(78) = 1.89$ e $p = .06$, *ns*). Na dimensão Escola, os resultados indicam que os pais responsabilizam-se “*algumas vezes*” ($M = 3.25$ e $DP = 1.20$, $t(82) = 1.92$ e $p = .06$, *ns*). Por fim, na dimensão Autoridade e Disciplina, os resultados obtidos revelam que os pais assumem as suas responsabilidades nesta dimensão “*muitas vezes*” $t(80) = .83$ e $p = .40$, *ns*).

Posteriormente, procedeu-se a uma análise de medidas repetidas introduzindo como quatro fatores as dimensões da escala. Os resultados demonstram existirem diferenças quando se relacionam entre si as médias das diferentes dimensões que compõem a Escala de Responsabilidade Parental, $F(2.02, 153.55) = 66.13$, $p < 0.001$, $\eta^2 = .46$, exceto quando se relacionam a dimensão Apoio Emocional e Estimulação e a dimensão Autoridade e Disciplina ($p = .39$).¹³

¹³ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .408$, $p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

2.3. Responsabilidade paterna global em função do sexo da criança: ao analisar os valores totais obtidos na escala de responsabilidade paterna, verificou-se que os pais assumem do mesmo modo as suas responsabilidades paternas, tanto com os filhos ($M = 4.04$, $DP = 0.50$), como com as filhas ($M = 3.81$, $DP = 0.85$), $t_{75} = 1.43$, $p = .16$, *ns*.

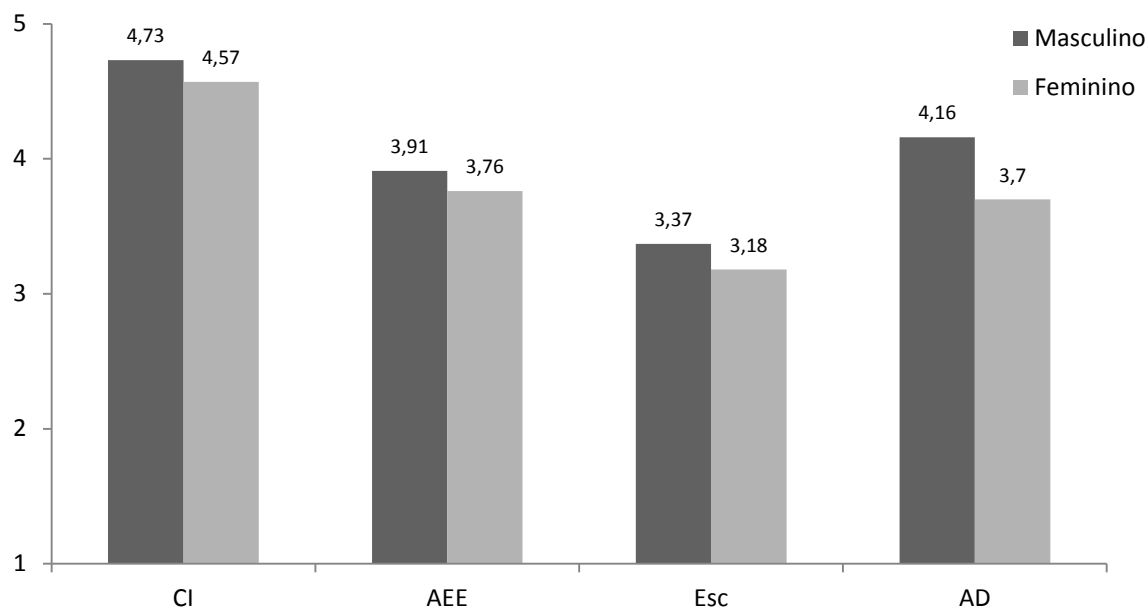
2.4. Responsabilidade Paterna em função do sexo da criança: para esta análise, recorreu-se a um de medidas repetidas entrando como fatores intra-sujeitos as quatro dimensões que compõem a Escala de Responsabilidade Paterna e como fator inter-sujeitos o sexo. Os resultados da análise demonstram a existência de efeito Responsabilidade Paterna $F(2.02, 151.39) = 64.69$, $p < 0.001$, $\eta^2 = .46$), porém quando analisamos Responsabilidade Paterna x Sexo da Criança, os resultados não revelam qualquer efeito $F(2.02, 151.39) = 1.11$, $p = .33$, *ns*, $\eta^2 = .02$)¹⁴.

Quadro 8 - Média e desvio-padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna em função do sexo da criança.

| | Sexo da criança | | | |
|--------------------------------------|-----------------|-----------|----------|-----------|
| | Masculino | | Feminino | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Cuidados e Interesse | 4.76 | 0.34 | 4.57 | 0.92 |
| Apoio Emocional e Estimulação | 3.91 | 0.55 | 3.76 | 0.79 |
| Escola | 3.37 | 1.01 | 3.18 | 1.29 |
| Autoridade e Disciplina | 4.16 | 0.69 | 3.70 | 0.99 |
| Total | 4.04 | 0.50 | 3.80 | 0.85 |

¹⁴ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .40$, $p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

Figura 5 - Valores médios observados na Escala de Responsabilidade Paterna tendo em conta o sexo da criança.



Quando procedemos a uma análise das médias entre as quatro dimensões da ERP em função do sexo da criança, constatou-se que todas as dimensões diferem entre si, exceto quando se relaciona as dimensões “Apoio Emocional e Estimulação” e “autoridade e Disciplina” ($p = 0.26$). No sentido de permitir uma leitura mais completa dos resultados, são apresentados no quadro x as médias e desvio padrão das variáveis. Na figura 5 é ilustrado a distribuição.

2.5.Responsabilidade Paterna global em função da idade do pai: recorreu-se a um teste paramétrico de amostras independentes que demonstrou que a idade do pai não exercia qualquer efeito na assunção de responsabilidade paterna global (entenda-se incluindo as quatro dimensões que compõem a escala) $t_{72} = .12, p = .90, ns$.

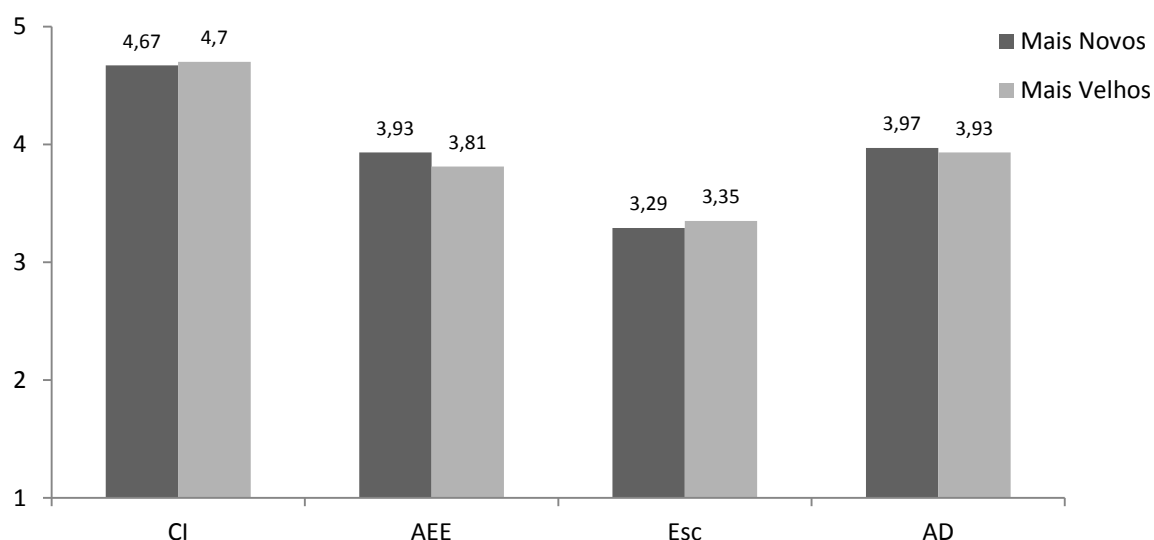
2.6.Responsabilidade Paterna em função da idade do pai: com o objetivo de analisar essas possíveis diferenças, utilizou-se o teste paramétrico anova de medidas repetidas, entrando como fatores intra-sujeitos as dimensões da escala e a idade do pai como fator inter-sujeitos. Os

resultados do teste $F(2.04, 146.97) = .31, p = .74, \eta^2 = .01^{15}$, revelam não existir qualquer efeito principal da idade do pai nas responsabilidades paternas. No quadro 9, são descritas as médias e desvios padrão dos resultados obtidos em cada uma das dimensões da escala de responsabilidade paterna tendo em conta o nível etário do pai. Na figura 6 ilustramos a distribuição.

Quadro 9 - Média e desvio-padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna em função da idade do pai

| | Pais mais novos | | Pais mais velhos | |
|-------------------------------|-----------------|-----------|------------------|-----------|
| | Até aos 41 anos | | 41 ou mais anos | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Cuidados e Interesse | 4,67 | 0,71 | 4,70 | 0,50 |
| Apoio Emocional e Estimulação | 3,93 | 0,71 | 3,81 | 0,53 |
| Escola | 3,29 | 1,04 | 3,35 | 1,26 |
| Autoridade e Disciplina | 3,97 | 0,91 | 3,93 | 0,77 |
| Total | 3.97 | .71 | 3.95 | .58 |

Figura 6 - Média dos resultados nas diferentes dimensões da Escala de Responsabilidade Paterna em função da idade do pai.



¹⁵ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .394, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

2.7. Responsabilidade Paterna em função da idade do pai e do sexo da criança: como referido na análise da interação paterna, apesar de análises anteriores não demonstrarem qualquer efeito, tendo em conta a natureza exploratória deste estudo recorreu-se a uma anova de medidas repetidas, entrando como fatores intra-sujeitos as quatro dimensões da escala de responsabilidade paterna e como fatores inter-sujeitos o sexo da criança e a idade do pai.

Como seria de esperar face aos resultados obtidos anteriormente constata-se que não existe qualquer efeito significativo em responsabilidade paterna x sexo da criança x idade do pai $F(2.07, 144.56) = .36, p = .70, ns, \eta^2 = .01$ ¹⁶

2.8. Responsabilidade Paterna global em função da escolaridade do pai: utilizou-se um teste paramétrico de amostras independentes cujo resultado ($t_{72} = .90, p = .37, ns$) revelou que a assunção de responsabilidade paterna global não era influenciada pela maior ou menor escolaridade do pai.

2.9. Responsabilidade Paterna em função da escolaridade do pai: após esta primeira abordagem procurou-se analisar se esta desigualdade de escolaridade revelaria efeitos na assunção de responsabilidade por parte do pai. No quadro 10 podemos observar as médias e desvios padrão obtidos na escala de responsabilidade paterna em função do nível de escolaridade do pai. Posteriormente recorreu-se a uma anova de medidas repetidas entrando como fatores as quatro dimensões da escala e, como fator inter-sujeitos a escolaridade do pai. Os resultados obtidos $F(2.04, 146.86) = 3.10, p = .04, \eta^2 = .04$ ¹⁷, indicam não existir qualquer efeito em responsabilidade paterna x escolaridade do pai.

Quando analisamos o padrão de médias das quatro dimensões em função da escolaridade do pai, verificamos que existem diferenças entre elas, exceto quando se relacionam a dimensão “Apoio Emocional e Estimulação” e a dimensão “Autoridade e Disciplina” ($p = .54$)

¹⁶ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .39, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises

¹⁷ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .407, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises.

Quadro 10 - Média e desvio-padrão dos resultados obtidos na Escala de Responsabilidade Paterna em função da escolaridade do pai

| | Escolaridade do Pai | | | |
|--------------------------------------|---------------------|-----------|--------------------|-----------|
| | Menos Escolarizados | | Mais Escolarizados | |
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> |
| Cuidados e Interesse | 4.63 | 0.76 | 4.76 | 0.30 |
| Apoio Emocional e Estimulação | 3.78 | 0.71 | 4.00 | 0.46 |
| Escola | 3.15 | 1.23 | 3.55 | 1.01 |
| Autoridade e Disciplina | 4.03 | 0.91 | 3.84 | 0.73 |

2.10. *Responsabilidade paterna em função da escolaridade do pai e do sexo da criança:* apesar de análises anteriores não demonstrarem qualquer efeito das variáveis referidas, mas tendo em conta a natureza exploratória desta investigação realizou-se uma análise de medidas repetidas entrando como fatores as quatro dimensões e como fatores inter-sujeitos a escolaridade do pai e o sexo da criança. Os resultados $F(2.05,143.60) = .06, p = .55, ns, \eta^2 = .01^{18}$, revelam não existir qualquer efeito significativo

¹⁸ A esfericidade foi testada através do teste *Mauchly's* ($= .394, p < .001$) sendo consequentemente utilizada a medida *Huynh-Feldt* nas análises

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

1. Discussão e Conclusão

Neste capítulo procuramos salientar as principais conclusões deste trabalho, discutindo alguns pontos que consideramos pertinentes e enquadrando-os no objetivo da investigação.

O presente estudo foca o envolvimento paterno, analisando as diferentes formas de interação paterna assim como a assunção da responsabilidade paterna em pais de crianças a frequentar o 2º ciclo.

Numa primeira fase, começamos por analisar os fatores de envolvimento paterno. Nesta análise constatamos que os pais interagem em média, cerca de 58 minutos com a criança, sendo que esta interação é superior ao fim de semana em comparação com a semana. Este resultado era expectável uma vez que, como referem Yeung e colegas (2001) são observadas diferenças substanciais tanto no nível absoluto de envolvimento do pai, como no tipo de atividades em que os pais estão envolvidos durante a semana e o fim de semana.

Esta diferença ao nível do envolvimento paterno é, em nosso entender, justificada pelas rotinas diárias da criança à semana que se encontram condicionadas pela atividade escolar, ao passo que as do pai se encontram pautadas pela competitividade e pressão laboral. Como comprova Teixeira (2008), a escola surge como organizador social das rotinas das crianças deixando menos tempo para que haja diferenças nas atividades em que as crianças se envolvem.

Quando a análise incide especificamente sobre as formas de interação paterna, concluímos que o tempo despendido em envolvimento é superior, independentemente do dia a que se reporte o diário, nas formas de interação Funcional e Paralelo, sendo menor em atividades de Transição. Estes resultados distanciam-se de estudos que demonstram que o pai despende mais tempo em atividades de Jogo. Cremos que uma das limitações do estudo e que poderá em certa medida explicar estes resultados centra-se na limitação dos dados recolhidos, ou seja, o registo das rotinas diárias da criança (GUIA) não ter sido realizado de forma mais pormenorizada de modo a oferecer informação complementar à atividade principal que a criança se encontrava a realizar.

Quando focamos a análise para o envolvimento paterno e nas formas de interação paterna em função do sexo da criança constatou-se que o pai despende sensivelmente o mesmo tempo de interação com um filho e com uma filha. Lima (2001) realça que estudos recentes fundamentam a ideia de que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas. Esta ideia pode ainda ser suportada pelo estudo de Wood e Repetti (2004) no qual demonstram

maiores níveis globais de envolvimento dos pais com os filhos, quando há filhos presentes na família, do que quando há apenas filhas presentes.

Os resultados anteriores são semelhantes quando estudamos a influência da idade do pai no envolvimento paterno e nas formas de interação paterna. Nesta análise verificamos que não existe qualquer diferença no envolvimento paterno entre os pais mais novos e pais mais velhos. Estes dados não corroboram as indicações de Yeung e colegas (2001; cit por Teixeira, 2004) que referem que a diferença do tempo que os pais passam com os filhos diminui com a idade.

O envolvimento paterno não é influenciado em função da escolaridade do pai. Estes resultados divergem em certa maneira das conclusões de Hofferth (2003), em que refere que pais melhor educados podem atingir um nível mais elevado de envolvimento com os seus filhos, passar mais tempo e ser mais afáveis com eles.

Relativamente à forma de envolvimento Responsabilidade constatou-se que o pai, assume em média mais do que “algumas vezes” e menos do que “muitas vezes” as tarefas e responsabilidades paternas.

Concluiu-se que as diferentes dimensões da responsabilidade paterna diferem entre si, sendo exceção quando se procede à comparação das dimensões “Apoio Emocional e Estimulação” com a dimensão “Autoridade e Disciplina”. Quando dirigimos o foco de estudo para as quatro dimensões, constatamos que estes resultados estão em consonância com os obtidos no estudo realizado por Lima e colegas (2001) no qual constataram que “a criança considera que o pai assume mais responsabilidade na dimensão cuidados e interesse, que relaciona a responsabilidade do pai pelos cuidados básicos, atividades e rotinas do filho.

Por outro lado, a assunção de responsabilidades paternas não é influenciada pelo sexo da criança e verificou-se ainda que relativamente às variáveis “idade do pai” e “escolaridade do pai” não existe qualquer efeito destas na assunção de responsabilidades paternas.

Neste estudo analisamos apenas algumas das variáveis que consideramos pertinentes sobre as formas de envolvimento e responsabilidade paterna, sendo que esta exploração não permite observar as consequências desse envolvimento no processo desenvolvimental dos filhos.

Este estudo apenas explorou a interação e responsabilidade paterna, não havendo qualquer análise a períodos de presença ou interação materna. Terá sido ainda condicionado pela escolha de uma amostra de conveniência, limitada a uma faixa etária e zona demográfica, não permitindo uma extrapolação mais abrangente. A presença de um maior número de dados recolhidos referentes ao dia da semana ($n = 63$) comparativamente com o fim de semana ($n = 22$)

pode ser entendida como uma limitação do estudo. Como tal, consideramos que futuras investigações poderiam utilizar amostras mais amplas não só alargando a outras faixas etárias como a outras áreas demográficas.

A escolha da recolha de dados ser realizada no âmbito escolar pareceu-nos inicialmente a mais indicada pois permitiria um acesso a um maior número de participantes. Porém, o conflito entre a disponibilidade laboral do investigador, os horários escolares restritos para não interferir com o desempenho escolar das crianças e alguma saturação/fadiga destas durante as entrevistas tornou-se uma limitação à investigação.

Consideramos ainda que outra limitação deste estudo prende-se com o fato de alguns dos dados terem sido recolhidos em articulação com o psicólogo do agrupamento de escolas, podendo alguma informação ter perdido a sua clareza e objetividade. Apesar de todas estas limitações e outras que possam ainda ser apontadas, consideramos que este estudo permitiu compreender a evolução que o papel do pai tem evidenciado ao longo dos últimos anos e o interesse crescente manifestado pela figura paterna em relação ao envolvimento e responsabilização no processo de crescimento dos seus filhos.

Referências Bibliográficas

- Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering*, 5, 129-147.
- Allen, S. & Daly, K. (2002). The effects of father involvement: A summary of the research evidence. Father Involvement Initiative, University of Guelph, 1-27.
- Almeida, D., & Galambos, N. (1991) Examining father involvement and the quality of father-adolescent relations. *Journal of research on adolescence*, 1(2), 155-172.
- Bairrão, J. (1992). A perspectiva ecológica em psicologia da educação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 57 – 68.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), 377-386.
- Bouchard, G., Lee, C., Asgary, V., & Pelletier, L. (2007). Fathers' Motivation for Involvement with Their Children: A Self-Determination Theory Perspective. *Fathering*, 25-41.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In *International Encyclopedia of Education*, 3(2).
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998) The ecology of developmental processes. In: W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology: vol. 1. Theoretical models of human development*, (ed. 5., 993-1028) NY, John Wiley, 1998.
- Brown, B., et al. (2001) Fathers' Activities with Their Kids. *Child trends research brief*.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. L., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E. (1999). Measuring Father Involvement In The Early Head Start Evaluation: A Multidimensional Conceptualization.
- Coley, R., & Coltrane, S. (2007). Impact of Father Involvement on Children's Developmental Trajectories: New Findings Panel for the National Fatherhood Forum. *Applied Development Science*, 11(4), 226–228.
- Fagan, J., Roy, K., Palkovitz, R. & Farrie, D. (2009). Pathways to paternal engagement: Longitudinal effects of risk and resilience on nonresident fathers. *Developmental Psychology*, 45(5), 1389-1405.

- Finley, G., et al. (2008). Perceived Paternal and Maternal Involvement: Factor Structures, Mean Differences, and Parental Roles. *Fathering*, 6(1), 62-82.
- Fitzgerald, H. E., Mann, T., & Barratt, M. (1999). Fathers and infants. *Infant Mental Health Journal*, 20, 213-221.
- Grolnick, W.S., & Slowiaczek, M.L. (1994). Parents involvement in children's schooling: A multidimensional conceptualization and motivational model. *Child Development*, 65, 237-252.
- Grossman, F. K., Pollack, W. S., & Golding, E. (1988). Fathers and children: Predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology*, 24, 82-91.
- Hall, S. S. (2005). Change in paternal involvement from 1977 to 1997: a cohort analysis. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 34(2), 127-139.
- Hofferth, S. (2003). Measuring father involvement and social fathering: an overview.
- <http://igualdadeparental.org/pais/parentalidade-positiva>.
- Lamb, M. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1, 19-34.
- Lamb, M., & Tamis-LeMonda, C. (2004). The role of the father: An introduction. In M. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (44th ed., 1-31). New Jersey, Wiley.
- Lamb, M. (2010). How do fathers influence Children's development? Let me count the Ways. In M. E. Lamb (Eds.), *The role of the father in child development* (5th ed., 1-26). Hoboken NJ: Wiley, 2010.
- Lee, T. (2004). An Exploration Of Father's Perception Of Fatherhood And Factors Influencing Father's Involvement In Parenting Activities With Their Infants.
- Lewis, C. & Lamb, M. (2003). Father's influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211-228.
- Lima, A. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. Bairrão (Ed), *Desenvolvimento: contextos familiares e educativos*, 200-233, Porto: Livpsic.
- Lima, J. A. R. (2008). O Tempo e as Formas de Envolvimento do pai em Tarefas de Socialização dos Filhos em Idade Pré-escolar. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Lima, A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2011). Sistema de codificação da acessibilidade e interação paterna. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. in A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva , L. S. Almeida, R. Lima, S. Fraga, Atas do VIII congresso

iberoamericano de avaliação/evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos , 850-861.

Lima, A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 4 (XXIX), 567-578.

Lopes, M. & Coelho, E. (2002) Diferenças e semelhanças entre o uso do tempo das crianças e dos adultos em Portugal.

Marsiglio, W., Day, R. & Lamb, M. (2000). Exploring fatherhood diversity: implications for conceptualizing father involvement. *Marriage & Family Review*, 29, 269-293.

McBride, B. A., Schoppe-Sullivan, S. J., & Ho. M. (2005).The mediating role of fathers' school involvement on student achievement. *Journal of Applied Developmental Psychology*. 26(2), 201-216.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.

NICHHD. (2004). Father's and Mother's Parenting Behavior and Beliefs as Predictors of Children's Social Adjustment in the Transition to School. *Journal of Family Psychology*, 18(4), 628-638.

Palkovitz, R. (2007). Transitions to fatherhood. In S. E. Brotherson & J. M. White (Eds.), *Why fathers count*.

Parke, D. R. (2004). Fathers, Families, and the Future: A plethora of plausible predictions. *Merrill-Palmer Quarterly*, 50(4), 456-470.

Pleck, J. (2007). Why Could Father Involvement Benefit Children? Theoretical Perspectives, *Applied Developmental Science*, 11(4), 196-202.

Pleck, J. & Stueve, J. (2001). Time and paternal involvement. Minding the time in family experience. (3), 205-226.

Robinson, J. & Shears, J. (2005). Fathering Attitudes and Practices: Influences on Children's Development. *Child Care in Practice*, 11(1), 63-79.

Swick, K. J. & Williams, R. D. (2006). An Analysis of Bronfenbrenner's bio-ecological perspective for early childhood educators: Implications for working with families experiencing stress. *Early Childhood Education Journal*, 5 (33), 371-377.

Teixeira, V. (2004). *O dia-a-dia das crianças portuguesas: seu significado desenvolvimental*. Universidade do Porto, Porto.

Teixeira, V. & Cruz, O. (2006). "O diário de uso do tempo": Uma metodologia para estudar o uso do tempo das crianças. *In Atas da XI conferência internacional avaliação psicológica: Formas e contextos*. Campus de Gualtar, Braga, 769-780. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Teixeira, V. & Cruz, O. (2008). O uso do tempo das crianças – um estudo comparativo entre 1999 e 2006. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Wall, G. & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21(4), 508-527.

Wood, J., & Repetti, R. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement, *Journal of Family Psychology*, 18, 237-249.

Yeung, J., Sandeberg, P., Davis-Kean, E. & Hofferth, S. (2001). Children's time with fathers in intact families', *Journal of Marriage and the Family*, 63(1), 136-154.